

O NEOLÍTICO ANTIGO DE VALE DA MATA (CAMBELAS, TORRES VEDRAS)

JOÃO ZILHÃO¹

in SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 624 p.

RESUMO

A escavação da jazida magdalenense de Vale da Mata produziu também um conjunto de materiais neolíticos e calcolíticos. A distribuição espacial do espólio neolítico indica que se tratava de uma concentração separada e a sua composição sugere uma instalação de natureza residencial. O pequeno conjunto calcolítico é constituído por peças sem proveniência específica ou de proveniência duvidosa que poderão representar recolhas de superfície feitas nas imediações. Confirma-se arqueologicamente a existência de um povoamento do Neolítico Antigo nas margens do baixo vale do Sizandro, em conformidade com a evidência de deflorestação da paisagem e aparecimento de campos agrícolas observada nos arquivos paleoambientais da região a partir de 5400 cal BC.

ABSTRACT

The excavation of the Magdalenian site of Vale da Mata also yielded an ensemble of Neolithic and Copper Age finds. The spatial distribution of the Neolithic material shows that it formed a separate, discrete cluster, and its composition suggests an occupation of residential nature. The small set of Copper Age finds comprises items lacking secure or specific provenience information; they may have been surface-collected in the surrounding area. In good agreement with the evidence for deforestation and concomitant emergence of agricultural fields seen in the regional paleoenvironmental archives after 5400 cal BC, the existence of an Early Neolithic settlement of the lower Sizandro valley is confirmed.

¹ Institució Catalana de Recerca i Estudis Avançats (ICREA), Passeig Lluís Companys 23, 08010 Barcelona, Spain
Universitat de Barcelona, SERP (Seminari d'Estudis i Recerques Prehistòriques; SGR2014-00108), Departament de Prehistòria, Història Antiga i Arqueologia, Facultat de Geografia i Història, c/ Montalegre 6, 08001 Barcelona, Spain
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal.
joao.zilhao@ub.edu



FIG. 1. Vale da Mata: a jazida.
Em cima: localização de Vale da Mata no *GoogleEarth* (imagem satélite de 9 de Março de 2015; elevação 3x).
Ao meio: vista da jazida para SE sobre a linha de água; o sítio mesolítico do Cabeço do Curral Velho situava-se na encosta oposta (diapositivo tirado em 1985, digitalizado e restaurado).
Em baixo: os terrenos lavrados contendo restos de talhe e fragmentos incaracterísticos actualmente existentes no lugar onde se situava a elevação arenosa integralmente escavada em 1951-52 (diapositivo tirado em 1985, digitalizado e restaurado).

INTRODUÇÃO

Vale da Mata (39°5'37.82"N, 9°24'2.75"W) foi uma jazida de ar livre do Magdalenense superior. Situava-se 250 m a SW do lugar de Gentias do Meio, na cabeceira de uma linha de água que drena a arriba litoral a sul da foz do Sizandro (Fig. 1). O substrato geológico local é formado por margas e argilas do Portlandiano (Jurássico Superior) sobre as quais se acumularam areias dunares plistocénicas de espessura e grau de conservação variável.

O potencial arqueológico da zona foi revelado por prospecções levadas a cabo em finais dos anos 40 e princípios dos anos 50 do século passado por Jaime Roldão, funcionário do MNA (Museu Nacional de Arqueologia). Das recolhas de superfície e escavações então realizadas, sob a orientação do director do museu, Manuel Heleno, e com participação de trabalhadores locais, resultou uma colecção de espólios de importância significativa que viria a ficar conhecido como o Paleolítico Superior de Cambelas (Heleno, 1956; Saavedra Machado, 1964; Zilhão, 1997).

Em 1984-85, as principais jazidas puderam ser relocadas, mas só no caso do sítio solutrense de Vale Almoinha é que a cicatriz deixada pela escavação era ainda visível no terreno (Zilhão, 1984; Zilhão *et al.*, 1987). No caso de Vale da Mata, a presença de resíduos de talhe e fragmentos característicos descartados durante as operações de crivagem e dispersados pelos trabalhos agrícolas subsequentes permitiu corroborar a localização indicada por J. Roldão e um dos seus colaboradores locais, Custódio Antunes. À época, esses vestígios formavam uma mancha superficial de baixa densidade, designada «Vale da Mata II» por Carvalho *et al.* (1989).

Segundo as informações prestadas *in loco* pelos participantes, antes do início dos trabalhos de escavação, realizados em 1951-52, o sítio seria constituído por uma pequena elevação arenosa que alcançava uma altitude de 2 a 3 m acima do solo actual. Essa elevação foi totalmente escavada até ao substrato em área da ordem dos 100 a 200 m². Nada restando do depósito original, não foi possível levar a cabo quaisquer trabalhos de controlo estratigráfico ou de recolha de amostras para datação.

A COLECÇÃO

O Quadro 1 reproduz o inventário geral da colecção «Vale da Mata» conservada no MNA, anteriormente publicado (Zilhão, 1997, Vol. 2, Quadro 47.1). Além da abundante indústria lítica, o espólio inclui pouco mais de uma quarentena de fragmentos de cerâmica pré-histórica (Quadro 2). A sua distribuição horizontal e vertical (Fig. 2), inferida a partir do «talhão» (letra) e «nível» (número romano) indicados nas etiquetas que acompanhavam o material (quando não marcados, a lápis ou tinta da china, nas próprias peças) apresenta-se descentrada em relação à da indústria magdalenense mas coincide com a da centena larga de geométricos e lamelas que se atribuíram ao Neolítico com base em critérios tecnológicos (o Conjunto 3 do Quadro 1; Fig. 3).

Da unidade de proveniência G-II, que é o ponto de maior concentração de indústria lítica neolítica, provém também uma conta discóide em rocha não determinada (Fig. 3); esta tipologia é desconhecida no Paleolítico Superior, o que, acrescentado à informação de proveniência, não deixa dúvidas quanto à ocupação humana do lugar a que a peça está associada. O mesmo não pode dizer-se de um «lâpis» de ocre amarelo (Fig. 3) e de dois elementos de mó (Fig. 4) da unidade B-II, que é o ponto de maior concentração da indústria magdalenense; embora a respectiva associação ao contexto neolítico seja lógica, não podemos excluir que estas três peças sejam de cronologia paleolítica.

QUADRO 1. VALE DA MATA. INVENTÁRIO GERAL

COMPLEXO DE ACHADOS (número e designação) (a)	CONJUNTOS LÍTICOS			CRISTAL DE ROCHA	MATERIAL EOLIZADO	CERÂMICA	OUTROS	TOTAL
	1 (b)	2 (c)	3 (d)					
956 Sem indicação	1199	–	42	19	3	–	–	1263
957 Superfície	8	–	3	–	–	–	–	11
958 VM-I	351	–	3	4	–	–	–	358
959 2.ª camada – parte superior	61	–	–	1	–	–	–	62
960 VM-II/III/Cm II/0,25-0,50	337	–	5	6	–	–	–	348
961 VM-III	23	–	–	–	–	–	–	23
962 Areia sobre barro, 0,25-0,50	2	–	–	–	–	–	–	2
963 Parte superior do barro	128	–	–	4	–	–	–	132
964 A-II	8	–	–	–	–	–	–	8
965 B-I	179	–	3	2	–	1	–	185
966 B-II	554	–	8	4	–	3	3 (e)	572
967 B-III	48	–	–	–	–	–	–	48
968 D-I	41	–	4	–	–	3	–	48
969 D-II	70	–	–	1	–	–	–	71
970 D-III	107	–	6	8	2	–	–	123
971 D-III (debaixo do barro)	1	–	1	–	–	–	–	2
972 E-I	17	–	–	–	1	1	–	19
973 E-II	42	–	–	–	–	1	–	43
974 E-III	184	–	3	7	1	–	1 (f)	196
975 F-I	–	27	12	–	–	22	–	61
976 F-II	–	146	8	–	1	1	–	156
977 F-III	–	86	10	6	–	–	–	102
978 G-I	–	5	4	–	–	10	–	19
979 G II	–	172	21	5	3	1	1 (g)	203
980 H-II	–	37	1	–	–	–	–	38
TOTAL	3360	473	134	67	11 (h)	43	5	4093

(a) segundo o inventário realizado em 1983 por A. C. Araújo e J. Zilhão

(b) material sem indicação de proveniência ou proveniente dos talhões A-E, com exclusão das peças atribuídas ao Neolítico com base em considerações de natureza tipológica ou tecnológica

(c) material dos talhões F-H de tipologia paleolítica ou indeterminável

(d) material atribuído ao Neolítico com base em considerações de natureza tipológica ou tecnológica

(e) um movente e um dormente de mó, e um lápis de ocre

(f) um fragmento de osso muito fossilizado (sáurio mesozóico?)

(g) uma conta discóide (neolítica?)

(h) quatro lascas parcialmente corticais de quartzito; três lascas parcialmente corticais e uma lâmina de sílex; uma lâmina com retoque aurignacense, um fragmento de folha de loureiro de subtipo L e uma folha de loureiro de subtipo G com retoque plano total da face superior e retoque periférico curto da face plana

QUADRO 2. VALE DA MATA. INVENTÁRIO DA CERÂMICA

VASO	PROVENIÊNCIA	FRAGMENTOS DECORADOS	FRAGMENTOS LISOS
I	D-I	968.20a, 968.20b	—
	E-II	—	973.38
	F-I	—	975.11, 975.16, 975.18, 975.19, 975.20, 975.21
II	F-I	975.1, 975.3, 975.4, 975.6, 975.12	975.10, 975.14, 975.15, 975.17
III	B-II	966.52	—
	F-I	975.2, 975.22	—
IV	F-II	976.5	—
	G-I	978.6	—
	G-II	979.200	—
V	G-I	978.10, 978.11	—
VI	G-I	978.5	—
VII	D-I	968.19	—
VIII	F-I	975.7	—
IX	G-I	978.9	—
X	B-II	—	966.71a, 966.71b
XI	G-I	978.7, 978.8	—
XII	E-I	972.11	—
XIII	G-I	—	978.13
XIV	F-I	—	975.8
XV	G-I	—	978.12
XVI	F-I	—	975.9, 975.23
Outros	B-I	—	965.78
	F-I	—	975.13, s/n

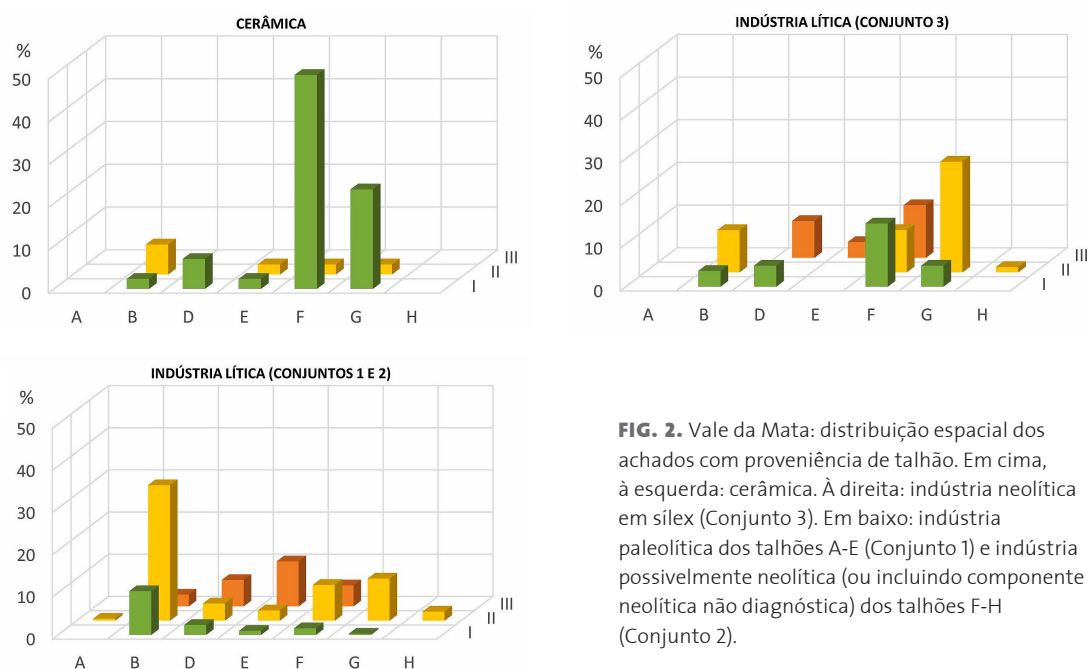


FIG. 2. Vale da Mata: distribuição espacial dos achados com proveniência de talhão. Em cima, à esquerda: cerâmica. À direita: indústria neolítica em sílex (Conjunto 3). Em baixo: indústria paleolítica dos talhões A-E (Conjunto 1) e indústria possivelmente neolítica (ou incluindo componente neolítica não diagnóstica) dos talhões F-H (Conjunto 2).

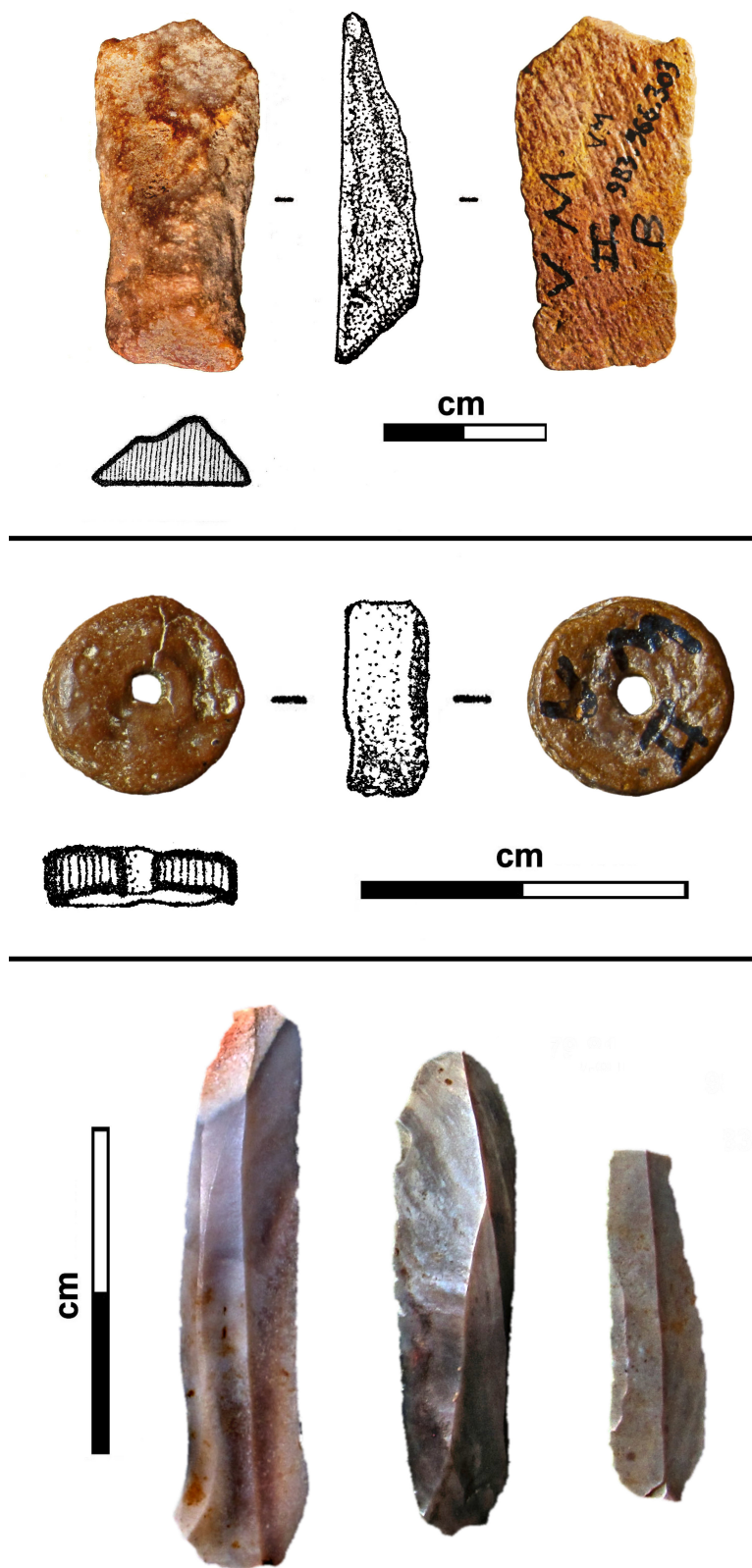


FIG. 3. Vale da Mata. Em cima: «lápis» de ocre amarelo. Ao meio: conta discóide em rocha não determinada. Em baixo: lamelas de tecnologia neolítica. Desenhos de Joaquim Franco.

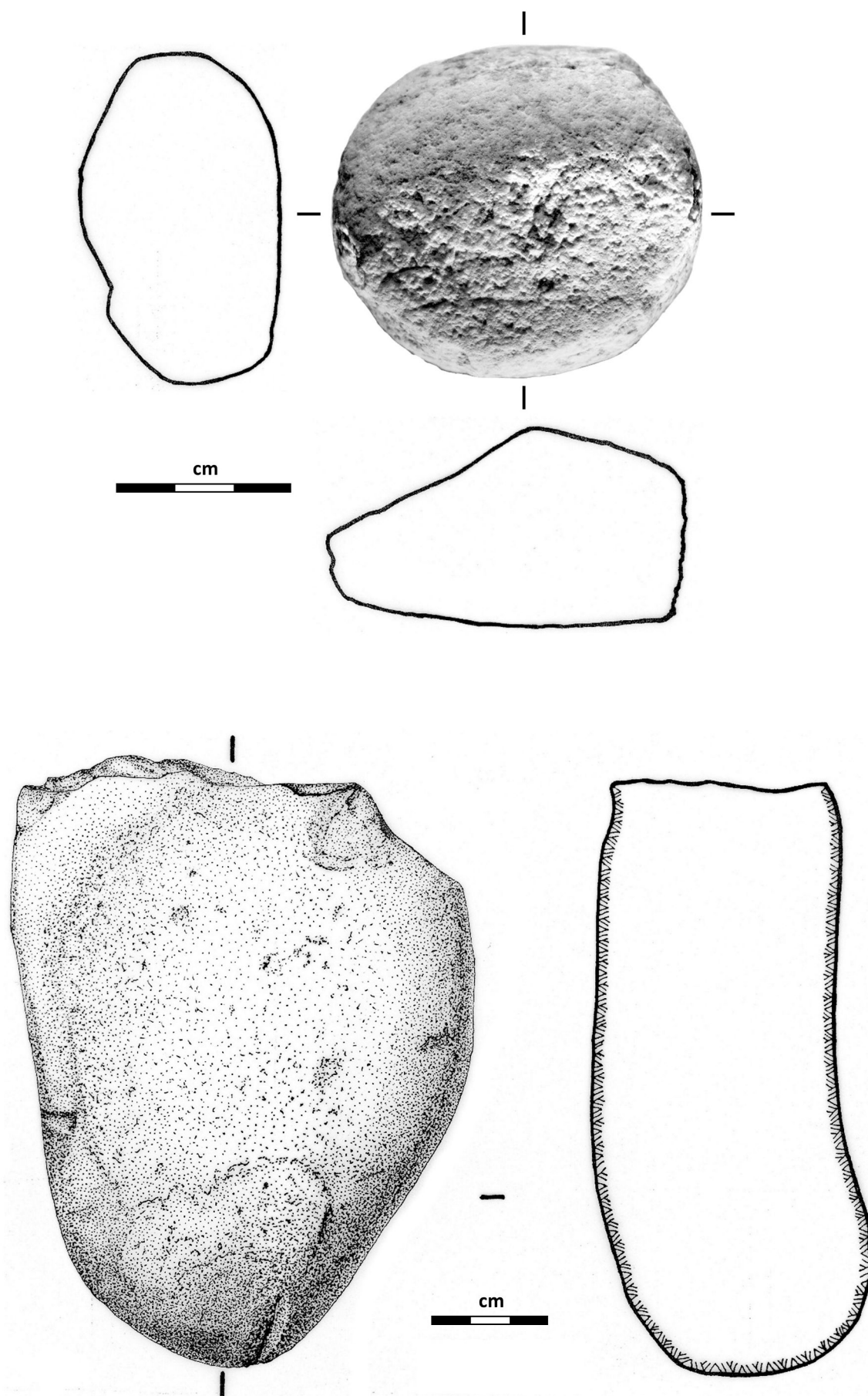


FIG. 4. Vale da Mata: elementos de mó manual. Em cima: movente. Em baixo: dormente (?).
Desenhos de Joaquim Franco.

A CERÂMICA

Havendo alguns fragmentos lisos, as peças mais significativas e informativas do conjunto cerâmico de Vale da Mata, que está ainda pendente de análise especializada, são os fragmentos decorados. Desenhados à época do inventário, à escala 1:1, por Helena Figueiredo, desenhadora do MNA, a sua existência foi anteriormente referida, mas de forma muito limitada (Zilhão, 1997, Vol. 2, Fig. 47.2). As observações então realizadas conduziram ao agrupamento da colecção em 16 conjuntos, possivelmente correspondentes a outros tantos recipientes, dos quais 11 são decorados e os restantes cinco, discriminados em função da pasta e da forma do bordo, são lisos. Apresenta-se seguidamente descrição sumária dos vasos decorados, os quais se ilustram fotograficamente nas Figs. 5-7.

- **Vaso I** (Fig. 5). São nove fragmentos, seis recuperados na unidade F-I, dois na unidade E-II e um na unidade D-I. Trata-se de fragmentos lisos e de um mamilo com impressões, de pasta alaranjada na face externa e negra na face interna, grosseira, com elementos não plásticos heterométricos, visíveis a olho nu e atingindo por vezes os 6 mm de dimensão.
- **Vaso II** (Fig. 5). São nove fragmentos, todos recuperados na unidade F-I; quatro são lisos, quatro estão decorados com pequenas incisões inclusas numa estreita faixa horizontal, e o outro é um cordão decorado com impressões. A pasta apresenta-se alaranjada escura apenas na parte superficial externa, sendo negra no resto da secção e com elementos não plásticos de dimensões menos heterogêneas que nos fragmentos do Vaso I.
- **Vaso III** (Fig. 5). Três fragmentos com impressões em ziguezague do tipo «falsa folha de acácia», sendo dois provenientes da unidade F-I e um da unidade B-II.
- **Vaso IV** (Fig. 5). São três fragmentos das unidades F-II, G-I e G-II, com pasta acastanhada-alaranjada de cor uniforme em secção, grosseira, e com inclusão de elementos plásticos abundantes e heterométricos. A decoração consiste em triângulos incisos preenchidos com motivos impressos, associados a faixa horizontal preenchida com pequenas incisões, semelhante à do Vaso II.
- **Vaso V** (Fig. 6). São dois fragmentos, ambos da unidade G-I, de pasta negra com laivos avermelhados na superfície externa, grosseira, com inclusão de elementos não plásticos abundantes e heterométricos. A decoração é composta por sequências agrupadas de «unhadas».
- **Vaso VI** (Fig. 6). Fragmento com bordo e asa de perfuração horizontal, decorado com incisões paralelas, recuperado na unidade G-I. A pasta é grosseira, com inclusão de elementos não plásticos abundantes e heterométricos, alaranjada-acastanhada nas superfícies interna e externa, e negra na parte interna da secção.
- **Vaso VII** (Fig. 6). Fragmento com bordo e asa de perfuração vertical, decorado com incisões diversas à volta da asa, proveniente da unidade D-I e de pasta idêntica à do vaso VI.
- **Vaso VIII** (Fig. 6). Fragmento da unidade F-I com zona decorada em «falsa folha de acácia» demarcada por linha horizontal incisa. A pasta é castanha na face externa, mais escura na face interna, grosseira, com inclusão de elementos não plásticos abundantes.



FIG. 5. Vale da Mata: cerâmica decorada do Neolítico Antigo. Vasos I a IV. Indica-se o número de inventário MNA de cada fragmento. Desenhos de Helena Figueiredo.

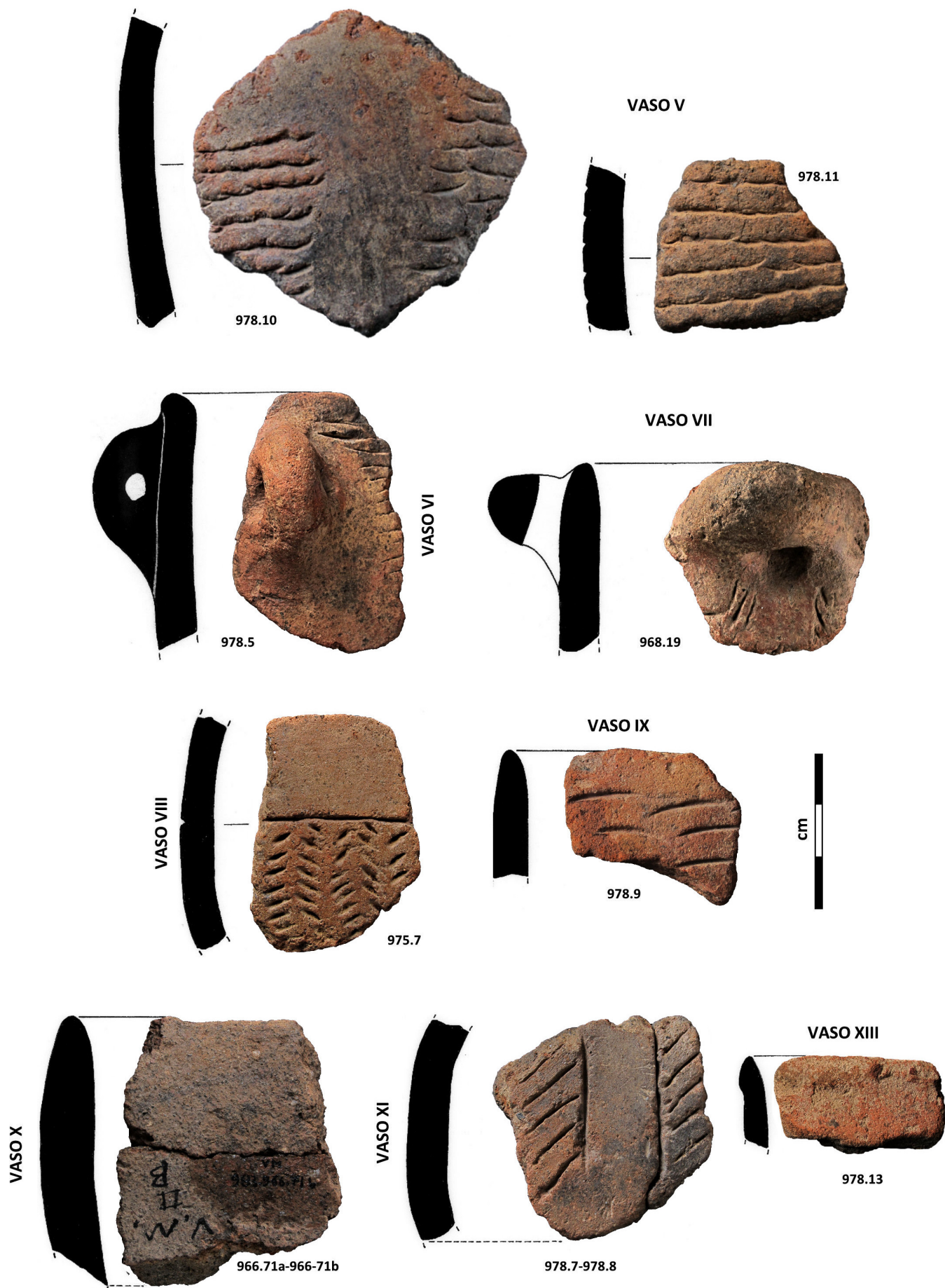


FIG. 6. Vale da Mata: cerâmica decorada e lisa do Neolítico Antigo. Vasos V a XI e XIII. Indica-se o número de inventário MNA de cada fragmento. Desenhos de Helena Figueiredo.



FIG. 7. Vale da Mata: ponta de seta e cerâmica calcolítica (Vaso XII; Indica-se o número de inventário MNA; desenho de Helena Figueiredo).

- **Vaso IX** (Fig. 6). Fragmento com bordo, decorado com impressões, aparentemente do bordo não denteado de uma concha, proveniente da unidade G-I. A pasta é castanho-avermelhada, com elementos não plásticos abundantes mas finos e homométricos.
- **Vaso XI** (Fig. 6). Dois fragmentos recolados provenientes da unidade G-I, decorados com incisões oblíquas dispostas em paralelo, em bandas verticais separadas por zona lisa. A pasta é acastanhada nas superfícies interna e externa, negra em secção.
- **Vaso XII** (Fig. 7). Fragmento recuperado na unidade E-I, decorado com finas caneluras horizontais sob o bordo, até cerca de 2 cm abaixo deste, onde dá lugar a um motivo inciso de tipo solar constituído por círculos concêntricos de onde irradiam pequenos triângulos com o interior preenchido. A pasta é acastanhada nas superfícies interna e externa, negra em secção, com inclusão de elementos não plásticos abundantes mas finos e homométricos.

DISCUSSÃO

Pela sua diversidade e número, e considerando ainda o carácter seleccionado da colecção, os materiais neolíticos de Vale da Mata não podem representar «ruído de fundo», ou seja, não é verosímil que tivessem correspondido a testemunhos dispersos à superfície, ou enterrados nas camadas superficiais do solo, resultantes de actividades humanas *off-site*. Tratar-se-á antes de vestígios de um uso habitacional do lugar, como sugerido pelos elementos de mó (admitindo que são de cronologia holocénica) e pela conta de colar. Inversamente, apesar de truncada, a colecção é demasiado pequena para representar um aglomerado numeroso ou uma instalação prolongada no tempo. A localização da jazida em solos arenosos propícios ao tipo de agricultura praticada em época neolítica faz antes pensar numa cabana, ou pouco mais, utilizada para alojamento de uma família ou pequeno grupo de famílias, durante período curto e, talvez, de forma sazonal.

Segundo informação prestada por C. Antunes, o depósito arqueológico também incluía conchas que, no entanto, não se guardavam nem amostravam (e, por isso, não estão representadas na colecção do MNA). Não sendo de excluir confusão – compreensível, tendo em conta o tempo decorrido – com a jazida mesolítica do Cabeço do Curral Velho, situada na encosta oposta e escavada na mesma altura (Araújo, 1994; Araújo *et al.*, 2014), essas conchas pertenceriam seguramente à ocupação neolítica, reflectindo a exploração complementar dos recursos aquáticos. A alternativa de se tratar de restos relacionados com a ocupação magdalenense é de excluir, dada a distância largamente superior à dezena de km que, no Tardiglacial, separava estas terras da linha de costa.

No Holocénico médio, a parte final do curso do Sizandro correspondia a uma lagoa costeira que se prolongava por mais de 10 km em direcção ao interior e, à altura da foz, tinha cerca de 1 km de largura (Dambeck *et al.*, 2015). As suas águas salobras teriam constituído um ecossistema rico em moluscos e peixe, cuja exploração as populações mesolíticas e neolíticas não terão deixado de realizar. A datação pelo radiocarbono das colunas sedimentares provenientes de furos realizados na planície aluvial do rio confirma a vigência de tais condições a partir de 7000 cal BC e até pelo menos 3000 cal BC, isto é, englobando o intervalo de tempo de que, pela sua tipologia e decoração, podemos datar a cerâmica decorada de Vale da Mata. Com efeito, esta cerâmica tem bons paralelos no conjunto da Gruta da Furninha (Delgado, 1884) e é claramente de tradição epicardial, pelo que podemos situar a sua fabricação entre 4500 e 5100 cal BC.

Dambeck *et al.* mostram também que, entre 5400 e 5200 cal BC, as florestas de carvalho que até então cobriam as colinas e os bosques ribeirinhos deram lugar a vastas paisagens desarboriza-

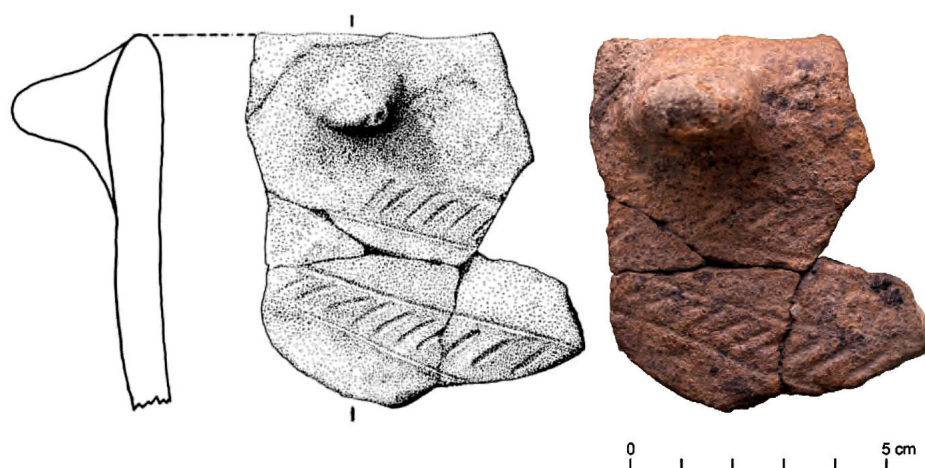


FIG. 8. Baío: cerâmica do Neolítico Antigo. O fragmento decorado recolhido «200 m a norte de Cambelas», por Leonel Trindade, entre 1950 e 1955 (desenho reproduzido a partir de Kunst e Trindade 1990; foto reproduzida a partir de Dambeck *et al.* 2015).

das. O aparecimento simultâneo nas curvas polínicas dos cereais e das ervas daninhas mostra que esta substituição é concomitante do desenvolvimento de campos agrícolas. Em apoio da origem antrópica destas transformações do coberto vegetal, Dambeck *et al.* aduzem um fragmento de cerâmica decorada que constituiria prova da existência do Neolítico Antigo na zona. O fragmento é descrito como «pequeno recipiente com um mamilo sobre o bordo e linhas horizontais irregulares, decoradas com finas impressões oblíquas» (Fig. 8). Citando Kunst e Trindade (1990), a proveniência dada é Baío, e a data do achado é fixada entre os anos de 1950 e 1955.

Tendo em conta estas datas, sabendo-se que «Baío» é a designação localmente dada ao litoral a sul da foz do Sizandro, e observando-se a presença de decoração idêntica nos Vasos II e IV (Fig. 5), cuja cor e pasta são semelhantes, a hipótese de o fragmento publicado por Kunst e Trindade ser também ele proveniente de Vale da Mata tem de ser colocada. Estes autores, no entanto, dão para o achado uma localização «cerca de 200 m a norte da actual povoação de Cambelas», o que é menos de metade da distância que separa Cambelas das Gentias do Meio que, por outro lado, fica para NE. A fazer fé nestas indicações geográficas, a hipótese, se bem que não possa ser de todo abandonada, carece, porém, de sustentação forte.

Para além dos materiais do Magdalenense e do Neolítico, Vale da Mata deu também algumas peças do Calcolítico (Fig. 7). É nomeadamente o caso do vaso XII, claramente separado do restante conjunto cerâmico pelo fabrico muito mais cuidado e pela sua decoração de caneluras associadas a um motivo solar. A este vaso se associam provavelmente quatro fragmentos de pontas de seta com retoque bifacial plano e uma bela ponta de pedúnculo e aletas, inteira, cujos modo de retoque, reduzida espessura e total ausência de pátina excluem uma atribuição ao Solutrense superior, período em que o tipo também é conhecido.

O vaso XII provém da unidade E-I, a ponta de pedúnculo e aletas da unidade F-II, e as outras pontas de seta não têm indicação de proveniência específica. Confrontado com a ponta de pedúnculo e aletas, C. Antunes – de cujo achado, por si feito, conservava muito viva lembrança – informou que a recolhera como peça isolada e a considerável distância da jazida. Esta recordação contradiz a proveniência de talhão e nível de escavação a que a peça estava associada no MNA, o que poderá dever-se a mistura accidental ocorrida antes do início dos trabalhos de inventariação ou a que os escavado-

res tenham incluído na colecção «Vale da Mata» materiais de superfície recolhidos nas imediações durante o período de execução dos trabalhos. Não podendo excluir a primeira, a segunda hipótese tem a seu favor o facto de no Solutrense do «Baío» existirem, além das jazidas escavadas, outras que não o chegaram a ser, foram entretanto destruídas, ou nunca terão constituído senão achados avulsos ou ocorrências dispersas de materiais (Zilhão, 1987).

É lógico supor que esta caracterização será de igual aplicação a outros períodos da Pré-História, incluindo os do Holocénico. O contexto do fragmento decorado publicado por Kunst e Trindade (1990) poderia assim representar seja a soma de recolhas de superfície feitas em momentos e pontos diferentes, seja a existência de uma concentração de achados semelhante à de Vale da Mata (isto é, uma jazida arqueológica no sentido estrito do termo) mas que nunca chegou a ser objecto de escavação. Os poucos dados contextuais referidos por Kunst e Trindade (1990) – segundo os quais o fragmento teria sido recolhido junto de «artefactos de sílex em parte paleolíticos» e em associação com uma ponta de seta de base ligeiramente côncava e outro fragmento de cerâmica muito erodida de aparência campaniforme – militam a favor da segunda alternativa mas não excluem a primeira.

CONCLUSÕES

Com esta publicação sumária dos materiais pós-paleolíticos de Vale da Mata preenche-se uma lacuna no conhecimento das colecções provenientes dos trabalhos promovidos pelo MNA, em meados do século passado, na zona de Cambelas. Confirma-se a ocupação do baixo vale do Sizandro no Neolítico Antigo, fornecendo-se assim um contexto arqueológico, espacial e artefactual, para as actividades agrícolas documentadas em época coeva a partir dos arquivos paleoambientais recentemente estudados na região.

A coincidência entre as componentes do sítio «Baío» de Kunst e Trindade (1990) e a composição da colecção «Vale da Mata» do MNA admite duas interpretações igualmente verosímeis: a de que a primeira é uma amostra constituída por recolhas de superfície feitas em Vale da Mata por Leonel Trindade em paralelo com a realização das escavações promovidas no lugar pela equipa do MNA; e a de que a segunda é um exemplo que ainda pôde ser escavado do tipo, conteúdo e âmbito cronológico de jazidas pré-históricas outrora numerosas na região, entretanto destruídas pela erosão do tempo e a actividade humana mas de que as prospecções realizadas nos anos 50 ainda puderam localizar vestígios dispersos.

Da amostra que chegou até nós, parece poder concluir-se, porém, que só entre o Paleolítico Superior e o Neolítico Antigo é que as areias dunares a norte de Cambelas foram palco de um povoamento humano de natureza residencial. Os vestígios de épocas mais recentes, nomeadamente do Neolítico Final e do Calcolítico, são raros, isolados, e parecem formar um padrão de arqueologia *off-site* criado pela exploração económica e a circulação de pessoas e não resultante da instalação de habitações ou aldeamentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Ana Catarina Sousa e a João Luís Cardoso as informações prestadas durante a redacção deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, A. C. (1994) – *O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Curral Velho (Cambelas, Torres Vedras)*, in «Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)», 2, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 43-51.
- Araújo, A. C.; Moreno García, M.; Gabriel, S. (2014) – *Para além de Toledo: outros dados, novas revisões e algumas reflexões sobre o Mesolítico Antigo do litoral da Estremadura*. «Revista Portuguesa de Arqueologia», 17, p. 5-34.
- Carvalho, E.; Straus, L. G.; Vierra, B. J.; Zilhão, J.; Araújo, A. C. (1989) – *More data for an archaeological map of the county of Torres Vedras*. «Arqueologia», 19, p. 16-33.
- Dambeck, R.; Kunst, M.; Thiemeyer, H.; Kalis, A. J.; Van Leeuwen, W.; Herrmann, N. (2015) – *Onde é que habitaram? Novos dados sobre a Neolitização retirados do exemplo do Vale do rio Sizandro (Torres Vedras, Portugal)*, in Gonçalves, V. S.; Diniz, M.; Sousa, A. C. (eds.) – «5.º Congresso do Neolítico Peninsular», Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 385-396.
- Heleno, M. (1956) – *Um quarto de século de investigação arqueológica*. «O Arqueólogo Português», 2.ª série, 3, p. 221-237.
- Kunst, M.; Trindade, L. J. (1990) – *Zur Besiedlungsgeschichte des Sizandrotals. Ergebnisse aus der Küstenforschung*. «Madriener Mitteilungen», 31, p. 34-82.
- Nery Delgado, J. F. (1884) – *La grotte de Furninha à Peniche*. «Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques. Comptendu de la neuvième session à Lisbonne (1880)», Lisboa, Académie Royale des Sciences, p. 207-279.
- Saavedra Machado, J. (1964) – *Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*. «O Arqueólogo Português», 2.ª série, 5, p. 51-448.
- Zilhão, J. (1987) – *O Solutrense da Estremadura portuguesa. Uma proposta de interpretação paleoantropológica*, Trabalhos de Arqueologia 4, Lisboa, Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural.
- Zilhão, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, 2 vols., Lisboa, Colibri.
- Zilhão, J.; Real, F. C. S.; Carvalho, E. (1987) – *Estratigrafia e cronologia da estação solutrense de Vale Almoinha (Cambelas, Torres Vedras)*. «O Arqueólogo Português», 4.ª série, 5, p. 21-35.